

A reconstrução dos passos das populações negras por dentro dos microterritórios negros

Sonia Ribeiro¹

¹Militante do Movimento de Mulheres Negras. Formada em Sociologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS. Com extensão em Gestão em Políticas Públicas em Gênero e Raça. Especialista em Raça, Gênero e Etnia. Técnica em associativismo e cooperativismo. Atualmente aluna do Curso de Especialização em Metodologias Aplicadas e Pesquisa Assistência Técnica e Extensão Rural na Universidade do Vale do São Francisco UNIVASF. E-mail: aficair@yahoo.com.br.

RESUMO

Este estudo apresenta um olhar sobre os caminhos que as negras e negros percorreram e ainda percorrem na dispersão de África para as Américas, dispersão essa que redesenhou a vida dos Africanos e Africanas mesmo que em situação de extrema violência e submissão. Com o propósito de desvendar a história, revisitamos textos orais e escritos, livros, que recortaram e colaram falas e cantigas, contos, que deram um suporte a esse estudo. Nessa primeira aproximação foi possível enxergar que o papel dos microterritórios negros têm um papel importante na auto-organização social, cultural, econômica e política, contribuindo para o alicerce social e embasando o projeto de civilidade do continente Americano.

Palavras-chave: Povo; Caminhos; Microterritórios; Sagrado; Social; Identidade.

The Reconstruction of the Paths of Black Populations within Black Micro-Territories

ABSTRACT

This study presents an examination of the routes that Black women and men traveled and still travel today as part of the diaspora from Africa to the Americas, a diaspora that restructured the life of African men and women, albeit within a context of extreme violence and submission. With the objective of reworking and unveiling history, we revisited oral and written texts and books; edited and organized speeches, talks, songs, and stories; all of which gave support to this study. In this first approach, it was possible to discern that the Black micro-territories play an important role in the social, cultural, economic, and political auto-organization which contributes to the social, economic, political, and cultural foundations of society, and to laying the foundations for civil responsibility in the American continent.

Keywords: Common people; Routes; Micro-territories; Sacred; Social: Identity.

JUSTIFICATIVA

Os Africanos de origem Bantu, do Congo e de Angola, trazidos para o Brasil durante o duro período das conquistas e do desbravamento da colônia, foram os primeiros a buscar alternativas de resistência, seguidos pelos povos Nagôs chegados durante o último período da escravização. Esses povos lutaram bravamente contra o bárbaro projeto exterminador Eurocêntrico, Etnocêntrico e Judaico-Cristão imposto aos Africanos, pelos Estados Europeus. Uma das estratégias dos escravizados ao pisar em terras Brasileiras como peça de ganho foi organizar focos de resistências.

Segundo Juana Elbein dos Santos (1972, p. 39) foi transportado, implantado e reformulado na dispersão os elementos de um complexo cultural Africano que se expressa atualmente através de associações bem organizadas onde se mantêm e se renovam a cada tempo histórico. Os primeiros microterritórios negros recriados na dispersão (Quilombos, irmandades católicas, escolas de sambas, terreiros, clubes sociais negros) reproduziram na dispersão para as Américas os modelos de civilização dos reinos Africanos pré-islâmico e pré-cristão. Esses microterritórios recriados tinham como referencial a reprodução de valores e o modelo das sociedades de comunas Africanas, sociedades coletivas que aderiam às práticas de comunitarismo como projeto de fortalecimento individual e coletivo. Essas práticas nas sociedades Africanas reorganizavam o sagrado, vida social, cultural, política, econômica. Mas era no sagrado o principal vínculo de reintegração que sedimentava uma unidade própria, mas comum a todas e todos que estavam dentro dos limites comunitários (HALLEY, 1984, p. 120). Outro elemento agregador entre os reinos comunitários Africanos eram as práticas de compartilhamento social, econômico e político, que agregava famílias, vizinhos comunitários e presos de guerras que passavam a fazer parte do núcleo comunitário, ou seja, quando alguém chega na família toda a comunidade tem o compromisso de acolher.

Esse conceito de comuna e acolhimento realimentou a sobrevivência dos africanos e africanas, fora da matriz África e possibilitou na dispersão o enfrentamento às violências físicas, simbólicas e psicológicas impostas pelo escravismo. Segundo Muniz Sodré (1999, p. 178), "A contrapartida da solidariedade nascida entre os cativos durante a travessia do Atlântico, assim como os antigos dos cultos afrobrasileiros, fala de um intercâmbio profundo entre as comunidades, capaz de passar por cima de velhas divisões étnicas". A força comunal dos indivíduos movidos pela lógica Africana de interligar saberes e crenças determinou um novo aprendizado de sobrevivência e passou por cima de diferenças territoriais que existiam na matriz África. Em todos os territórios recriados, mesmo sendo vigiados pelos olhos do colonizador, estavam presentes a memória ancestral coletiva e a força vital dos orixás que norteou o fortalecimento da vida dos Africanos na dispersão, é sabido que a carga muito forte de sacralidade deu equilíbrio emocional e racional e o suporte à espacialidade e territorialidade, elementos fundantes na matriz identitária das comunidades de terreiro, grande espaço repositório da vida que permitiu aos africanos escravizados o resguardo de todo o potencial patrimonial das tradições Afro Brasileira.

OS MICROTERRITÓRIOS DE TERREIROS: o sagrado, o social e o político na reconstrução dos passos negros.

As comunidades de terreiros se constituem com um importante micro-organismo de poder e sociabilidade, têm como base o sagrado como reintegração social e política nas suas práticas de acolher, preservar e restabelecer a vida individual como projeto articulador da vida física social e coletiva. Onde a integralidade corporal religa ao ambiental e reconstitui os valores africanos fortalecendo a vivência em grupo na dispersão para o Ocidente. Conforme Muniz Sodré (1999, p. 170):

A comunidade de terreiro é, assim repositório. É núcleo reinterpretativo de um patrimônio simbólico explicitado em mitos, ritos crenças, valores, formas de poder, culinária, técnicas corporais, cânticos ludismos, língua litúrgica e outras práticas sempre suscetíveis de recriação histórica.

Sendo assim, o sagrado readaptou os Africanos na nova identidade territorial. Segundo Muniz Sodré (1999, p. 170), "o terreiro é uma construção substitutiva destinada a preencher brechas da separação entre e escravizados e a terra de origem, mas como um núcleo reelaborador e criador de símbolos suscetíveis de exprimir uma experiência original do mundo desconhecido".

Os cânticos litúrgicos (orikis) e os itâns (histórias) entoados e oralmente mediam o sagrado e a vida cotidiana, ou seja, a sacralização dos elementos sagrados, ritualizados pelas cantigas e as falas orais, integralizam o território corporal aos demais territórios, fortalecendo a autoestima e reelaborando as identidades, promovendo nos iniciados(as) vivenciadores e na comunidade um sentimento de pertencimento às realidades cotidianas. Segundo Gilson Leite (2000, p. 288):

Nesse contexto de integralidade as práticas vivenciais estão de acordo com o modelo ou arquétipo, o qual comporta uma enorme variedade de expressões. Enquanto a cidade fragmenta e produz anonimato, os terreiros promovem uma visão integradora dos seres humanos entre si e com a natureza e a comunidade.

Na concepção do terreiro o retorno ancestral está na religação com o Umbigo da matriz África (Feitura do Ori), matriz esta que traz o reencontro, autoconhecimento e a valoração do ser negro como sujeito em processo de reafricanização que reaprende dentro de estágios cíclicos. Os diálogos com o sagrado e o mundo em constantes contradições, vivendo o tempo, continuam no terreiro, em confronto com os valores civilizatórios lineares das sociedades ocidentais.

Nessa dinâmica continuada ser sagrado e o ser social estão em constante exercício, o culto às forças da natureza, os antepassados, a vida e as relações interpessoais como sendo formas naturais de preservar um estilo de pensar, ser e estar no mundo. Nessas ações dialogadas a autoestima vai se construindo e reelaborando as identidades. Sendo assim, a preservação, o resguardo e a defesa de todo o patrimônio cultural africano, materiais e imateriais, a focalização de preposições que defendem a preservação

dos territórios patrimoniais negros, seus conhecimentos milenares têm nas suas bases elemento importante para se redesenhar um novo pacto social.

Dentro desse novo redesenho estão ações de preservar a identidade, memória coletiva, valoração de crenças, práticas ritualísticas integradas à territorialidade espacial e corporal como parte de um contexto, homem e natureza e o meio, absorvem o mesmo caminho na busca da reintegração da individualidade e totalidades coletivas, nessa concepção biomítica (parte biológica e parte divina) reside o projeto filosófico Africano, baseados na preservação da natureza em valor da vida (PEREIRA DE JESUS, 2001, p. 1). Na cosmovisão Africana a vida é revestida de um valor sagrado, residindo nesse pressuposto a sua inviolabilidade e a impropriedade de toda e qualquer violência contra o ser humano, seja ela material ou imaterial, Segundo Abdias do Nascimento (1993, p. 33):

Está equilibrado interna e externamente ter axé de maneira abrangente significa gozar da plenitude da vida nesse mundo, possuir saúde e bem estar social, estar harmonicamente relacionado á natureza e ao social. A crença em orixás, voduns e inquices fundamenta a celebração da vida em todos os seus aspectos e domínios, o que, por sua vez, mantém viva a fé nas divindades/forças da natureza.

Sendo assim a filosofia religiosa africana baseia-se na recomposição de valores essenciais para um novo pacto civilizatório de Africanidade, todos esses pressupostos também estão contidos nas cantigas e na história de luta dos orixás femininos e masculinos, em que todos os cânticos vivenciados nos terreiros nos apresentam outro modo de perceber e relacionar-se com questão de gênero, raça, território/nação e território corporal, geração de trabalho e renda, economia solidária e justa, e o meio ambiente. Todos esses conceitos reelaborados poderão vir a ser um importante instrumento na constituição do ser sujeito negro. Ao interpretar as histórias e os cânticos litúrgicos entoados nos terreiros identificamos que as populações africanas sempre tiveram uma preocupação com os ambientes vivenciados no sentido de preservar e cuidar do outro na sua integralidade. Os elementos da natureza traduzidos na força mítica dos orixás nos apresentam uma filosofia baseada em uma visão solidária e integradora dos seres humanos entre si e os ambientes naturais. Nesse contexto a cadeia ecológica e humana circula entre si e restabelece a vida individual e coletiva em sociedade. Essa roda sempre esteve presente nos microterritórios negros, e já anunciava um novo devir, cuidando as cadeias ambientais como espaços sagrados para a manutenção da humanidade na terra. Dentro da roda estabelece uma relação desde dentro com um tempo fecundo, dialético. Tudo está inserido na roda cíclica de comunicação com o poder iniciático dos mais velhos que se reinicia no poder iniciático dos mais jovens. Todos estão interligados em uma cadeia que realimenta o bem viver entre os povos. Abdias do Nascimento (1993, p. 39) afirma que:

São muitas e riquíssimas as potências de contribuições da filosofia religiosa afrobrasileira para um modelo de desenvolvimento ecologicamente sustentável. Entre as mais importantes seria a de fundamentar, na articulação desse modelo às características específicas do pensamento negro ecológico como cultura Brasileira.

O território como espaço/corpo/tempo na cosmovisão africana valoriza, integra e respeita os espaços como simbiose entre homens e natureza e as relações de comuna, que estão inscritas na concepção de divindade. Conforme Muniz Sodré (1999, p. 180), "nessa existência todos os elementos são comuns humanos, vegetais, minerais, líquidos, tudo o que está na natureza e dotado de forma própria e provém da mesma fonte: o cosmo."

Sendo assim homens e divindades como matéria relacionada com o meio ambiente. Na tradução dos textos orais, estão contidos elementos de transformação (cantigas) e têm significados que podem vir a ser um importante instrumento de desconstrução do preconceito e o racismo, e apontam princípios orientadores para um novo pacto social que inclua as populações negras. Segundo Muniz Sodré (1999, p. 171),

[...] as entidades sagradas que compõem o panteão cultuado no terreiro, seja nagô ou pertencente a qualquer outra configuração simbólica, não são inteligíveis pelo mesmo logos adequado ao Deus cristão. As religiões universais designam como Deus a ideia de unidade ou essência.

No entanto a visão de mundo Africana difere da cristã que concebe Deus com múltiplos princípios, Conforme Muniz Sodré (1999, p. 174), o princípio global e indiferenciado chamado de Oludumáré ou Olorun não é inacessível: conecta-se aos homens e resolve-se em diferentes qualidades de diferenciadas forças, em uma pluralidade de princípios cosmológicos. (Imalês, orixás, voduns, inquices, etc.). É sabido que existe um grande poder dinâmico de movimentação e criação entre os humanos e essas entidades múltiplas, ou seja, essa relação homens/divindades existente nos terreiros reelabora o conceito sagrado, social e político. Relações interativas que têm em cada orixá um projeto humano e transformador, visto que todos dialogam em redes de cooperação, ativos na história comunitária, onde podemos trabalhar todos os conceitos importantes de empoderamento do povo negro na sociedade brasileira.

O princípio básico da existência individual e coletiva está inscrito na dialética negra que Esu/Exú apresenta na comunidade², essa dialética dá o movimento da vida e entende que os diálogos reorganizam o processo de organização e reelaboram o conceito de transformação na síntese/antítese/tese. É exatamente em suas relações dialéticas com o mundo (Micro/Macro global) que iremos discutir o processo constante de interação dos sujeitos, revalorizando nossa visão ancestral no conhecimento da história de cada orixá (feminino e masculino) como um projeto de vida, reconstruir nossas histórias e produzir no coletivo a epistemologia Negra.

Ogum guerreiro e forjador funciona como princípio civilizatório, símbolos dos saberes associados a competências físicas, apresentam nas suas relações com os seres os diversos caminhos a serem percorridos e permitem as múltiplas escolhas necessárias para estar em vida coletiva. Abre os caminhos para a busca dos conhecimentos populares em diálogos com os saberes técnicos e científicos, tecnológicos na produção de novos caminhos e novas realidades que insiram as populações negras. Bem como as novas relações de geração de trabalho e renda e a proposta de outra economia voltada para a popular e solidária.

²Numa cultura de Arkhé, com a nagô- Ketu brasileira, ganha primado, portanto a relação integrativa do corpo com o território isto é com os vegetais as águas. Trata-se de um fato de uma relação com a própria realidade do corpo humano, feito de minerais, líquidos, vegetais e proteínas Q.

Xangô - O equilíbrio e as coerências nas falas são de fundamental importância para a manutenção de pactos civilizatórios de inserção das populações em sociedade. O OSÉ representa as relações que envolvem um jogo dialético no qual um dos polos é o homem e o outro é o mundo objetivo/subjetivo. O senso de justiça e processos justos das leis são uma constante no projeto de civilidade. Podemos discutir as leis que violam a vida em sociedade das populações negras, bem como o papel do Estado no genocídio negro em especial a juventude negra. É preciso discutir todos os projetos, em especial a educação com a implantação de 10639/003 e a Titulação das terras Quilombolas.

Oxossi - A terra como elemento de recomposição, o valor social da terra como manutenção da vida, através da fecundação das sementes, que brotam os alimentos repositores das energias para os povos. Uma alimentação como reposição energética e sustentável exige uma recuperação imediata no conceito de agricultura, pautada nas relações de núcleos territoriais e famílias (Agricultura familiar). Valoriza os micro-organismos e nutrientes como troca de energias na manutenção da terra produtiva (agroecologia, agricultura orgânica, permacultura, quintais produtivos), diálogos constantes contra as queimadas e agrotóxicos, simbiose da flora e fauna.

Ossain - Pesquisa a valor curativo das plantas e apresenta as árvores e suas folhas como empoderamento medicinal e reconstrução da vida, com as essências curativas e mantenedoras da saúde para não adoecermos. Onde cada espécie animal e vegetal possui componentes regeneradores. Apresenta o seio das florestas como integração e regeneração da saúde (Fitoterápicos). Também trabalha a inter-relação da terra, plantas, água mananciais, com os micro-organismos.

Olabaluayé - Demonstra na sua história e vida que o ato de cuidar está relacionado com ato de conhecer e se abstrai cobrindo-se de palha (ikó) para entender o outro na sua integralidade, é conhecido mentor da medicina popular e sendo o senhor que conhece o mistério da vida e da morte integraliza os seres e a terra como elemento repositivo de energias. Enxerga, toca, dialoga e interage nas totalidades dos seres humanos, com propósito de escutar para medicar e curar, para promover a saúde mental e social entende que a prevenção e o melhor caminho, para não chegar a doenças físicas, psicológicas e sociais.

Obá - Feminina que representa o papel social das mulheres nas organizações femininas de mudanças e transformações. Guardiã feminista da esquerda negra (Ajaossi) das sociedades feministas negras ELEKÔ. Quando cobre a orelha promove o ato da escuta sensível para a verdadeira apreensão das diversidades culturais e conhecimento, e nos ensina a questionar as verdades, para pensar novas intervenções nas dinâmicas sociais. Dentro dessa proposta podemos trabalhar as organizações de mulheres negras como projeto de auto-organização e transformação, etc.

Yansã - Sua história de ação está ligada às constantes transformações, pois abre os diálogos em todas as estruturas sociais e propõe a socialização de ideias e conhecimentos. Seu vento representa as informações multiplicadas e abre caminhos para as lutas sociais das mulheres e homens em todos os espaços de decisões. Trabalha a liberdade de expressões como exercício da democracia participativa, abre a discussão para o papel social entre mulheres e homens negros na sociedade. Yansã nos mostra como

trabalhar os processos democráticos e solidários nas relações sociais e cooperativas bem como a inserção das diferenças e os socialmente diferentes nas sociedades (raça, gênero, etnia, necessidades especiais, livre orientação sexual).

Oxum - Gesta a vida em todos os aspectos, ligada à procriação e à defesa do corpo feminino como instrumento ancestral e estético e poder. Tem no menstruar o poder de fecundar a vida e as relações de sociabilidade e organiza estratégia de mudanças. Sendo assim, Oxum representa o poder social de resistência e luta das mulheres na sua totalidade em referências às mulheres negras. Com a história de Oxum podemos trabalhar o empoderamento das mulheres e trabalhar as violências físicas, simbólicas e psicológicas em relação aos corpos negros, a luta contra o extermínio das mulheres, gravidez na adolescência, esterilização, abortos, estupros, prostituição (Lei Maria da Penha e Femicídio).

Erês - Orixás femininos e masculinos traduzidos como crianças muito pequenas, que têm como características as intermediações, a pré-adolescência, adolescência e a fase adulta. Busca o respeito e o cuidado com as crianças, bem como o respeito na sua integridade física. Com as histórias dos Erês, podemos trabalhar a proteção contra todas as formas de violências, sejam físicas, psicológicas e simbólicas a que as crianças e os adolescentes estão submetidos (racismo, prostituição, agressões, trabalho infantil, pedofilia, ECA).

Oxumaré - Representa a circularidade temporal dos seres humanos (DAN), serpente que morde misticamente a cauda, mostra a continuidade do pensamento e conhecimento como relação continuada e inacabada. Relacionam-se ao transcurso do destino representado pelas cores do arco-íris que circula a terra tirando a ideia de linearidade. O universo está em processo de transformação, pode ser macho ou fêmea e traz a plena felicidade aos seres humanos. Nessa proposta podemos trabalhar heteronormatividade, as relações de gênero e suas nuances, gênero que os indivíduos se sentem pertencer, discutir afetividades, famílias de afeto, o tempo linear como proposta estática proposta pela lógica ocidental, judaico-cristã do pensamento único.

Nanã - Tem na sua característica elementos importantes para o trabalho com os detentores de acúmulo de sabedoria, ou seja, os mais velhos. Quando dança demonstra responsabilidade e conhecimento acumulado quando embala o Ibirí, transmite confiança e sabedoria no trato de ouvir e passar seus ensinamentos aos mais jovens, em um diálogo pautado na amorosidade e pelo amor que acolhe e respeita as falas, os gestos de quem precisa caminhar. Podemos trabalhar o respeito às caminhadas traçadas pelos mais velhos, valorizar os conhecimentos adquiridos na vivência e nas experiências e o respeito à oralidade sempre presentes no que nos antecederam, trabalhar a velhice como fato natural da vida necessário para o complemento existencial da humanidade (terceira idade).

Yemonjá - Yemanjá - Os mares são os elementos de continuação e interação de proposta e ideias. A junção dos mares contorna o globo terrestre e promove a comunicação entre os povos (globalização de Ideias) através das junções dos Mares que se encontram e globalizam ações e propostas. Neste contexto podemos trabalhar a globalização planetária como parceria entre os povos de preservação das águas e mananciais como um projeto interplanetário de preservação da vida na Terra.

Oxalá - Orixá da preservação da vida na Terra e também caminha em prol das transformações sociais e espirituais entre a humanidade. Tem como características abraçar as causas humanitárias e ampara as propostas de mudanças como foco para transformar as realidades vivenciadas (Igbín), carrega o mundo nas costas e aposta na formação de lideranças multiplicadoras de ideias inovadoras. O corpo e território estão sempre em movimento pelo bem da vida. Trabalhar e cobrar as responsabilidades do Estado com suas instituições, as políticas públicas específicas para as populações negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As matrizes filosóficas dos terreiros afrobrasileiros, baseadas nos valores africanos, demonstram que ao rememorar as práticas que envolvem os territórios recriados, identificamos o papel filosófico-antropológico contido na religião com os princípios existenciais e na descolonização das mentes quando nos religamos aos orixás.

Os povos de diversas etnias africanas se identificaram nos olhares, cheiros, toques, sorrisos, gemidos, abraços, fala gestual e ressignificaram os valores, crenças, ritos, costumes culinários, artes, cultura e o trabalho, bem como modelo organizacional baseados nos princípios do sagrado que parecia comum a todos e todas. A nova geografia negra, espacial e temporal, unificou-os nas suas diferenças, e readaptaram-se para sobreviver e resistir às diversas formas de violências que estavam submetidos.

Esse elo de reorganização transcendeu as inimizades territoriais que existiam em África e construiu novos jeitos de caminhar que ajudaram e ajudam a reconduzir suas trajetórias desviadas e silenciadas, na medida em que os nossos valores Africanos são diluídos por uma lógica Europeia, judaico-cristã. É sabido que nossos passos vêm de longe (WERNECK, 2000, p. 20) e com eles trazemos todas as nossas bagagens existenciais, bagagens que imprimiram marcas de resistências, em um lugar desconhecido e redesenhado nos microterritórios de sobrevivência, sobretudo os terreiros de matrizes Africanas. Essa configuração territorial é presente nos cotidianos negros e continua na luta frente a modelos conservadores que ainda não enxergam as populações negras como agentes de cidadania, modelo esse alicerçado nos valores eurocêntrico, etnocêntrico, cristão, racista e sexista que recria rótulos e categorização, eximindo o povo negro de suas identidades e hoje promove uma dos maiores processo de invisibilidade contra nossas crenças. E as atitudes perversas de olhar o outro como estranho cria certas identidades e banalidades raciais que penetram no imaginário popular e realimentam as práticas preconceituosas e racistas, e reforçam o conceito de demonização em relação aos nossos terreiros. Essas práticas históricas continuam a materializar-se com muitas forças aliadas. É verdade que o racismo hoje não se revela mais na cor da senzala, na chibata do feitor ou na ideologia primitiva da escravização, mas reaparece com uma pele ou pelo ligeiramente diferente em outro lugar, reproduzindo a partir de novas condições de produção.

Pelo acima exposto é necessária e urgente a revisão da história como lócus de transformação, bem como cobrar dos campos de poder a implantação de políticas públicas específicas que minimizem a perversidade do racismo. É preciso dizer que a tradição oral Africana, a exemplo dos terreiros de candomblés, não se limita à história as

lendas ou a relatos mitológicos, a tradição oral é uma grande escola de vida e dela se recuperam e relacionam todos os aspectos. Ela é ao mesmo tempo religião, religação, conhecimento, ciência, iniciação às artes, filosofia, identidade, cultura e lazer.

Portanto, rememorar todos esses aspectos é um compromisso dos movimentos sociais da luta antirracista, cobrar do Estado Brasileiro a recuperação imediata da história negra implantando a Lei 10.639/003. A reparação deve constituir-se em um novo pacto de convívio articulando os micro-organismos e o macro global, valorizando os saberes popular e científico, esse encontro permitirá um novo diálogo, nova racionalidade que abrirá caminhos para a produção de uma epistemologia negra comprometida com nossos valores e nosso conhecimento.

REFERÊNCIAS

HALLEY, Frank. **São negros os deuses da África**. Authentic Antropology. NewYork, 1972.

LEITE, Gilson. **Minorias étnicas religiosas e linguísticas**. Brasília: Ministério da Justiça, 2001.

NASCIMENTO, Abdias do. **A luta afro-brasileira no senado**. Brasília: Gráfica do Senado. 1992.

PEREIRA DE JESUS, Jairo. **Cadernos Afros**. Os terreiros de Matriz Africanas. Porto Alegre: Fórum Social Mundial, 2001.

SANTOS, Juana Elbein dos. 7. ed. **Os nagôs e a morte**. Petrópolis:Vozes, 1993.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade - a forma social negro brasileiro**. Claros e escuros. Petrópolis: Vozes, 1988.

WERNECK, Jurema. **O livro das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas Crioula, 2000.

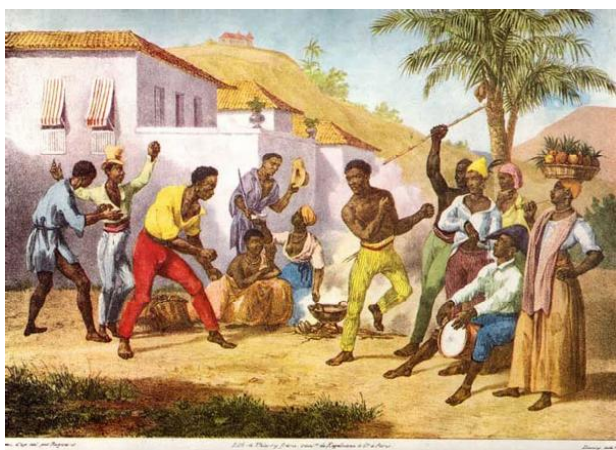


Figura 1. Gravura de Roger Bastide 1872- Organizações de Negros Libertos



Figura 2. Gravura de Roger Bastide 1872- Organizações de Negros Libertos



Figura 3. A roda dos Orixás - Revista Raça Brasil, 1997.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

RIBEIRO, Sonia. A reconstrução dos passos das populações negras por dentro dos micros territórios negros. *Extramuros*, Petrolina-PE, v. 3, n. 2, p. 43-52, edição especial, 2015. Disponível em: <informar endereço da página eletrônica consultada>. Acesso em: informar a data do acesso.

Recebido em: 26 jan. 2015.
Aprovado em: 15 abr. 2015.